

## Apresentação

Este livro compõe-se de uma coletânea de artigos que relatam pesquisas recentes sobre fenômenos morfológicos e sintáticos relativos à Língua de Sinais Brasileira (LSB) e à aquisição de (L2) por surdos usuários de LSB, tendo como referencial teórico os pressupostos da linguística de base gerativa. O volume integra a produção científica do projeto de pesquisa intitulado “Português como Segunda Língua na Educação Científica de Surdos”, e desenvolvido com o apoio institucional do PRO ESP/CAPES (Processo n. 516/2003), sob a coordenação da Profa. Heloisa Salles, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, ambos vinculados à Universidade de Brasília. Em razão da natureza temática da publicação, propõe-se, no Capítulo I, “Estudos gerativos: fundamentos teóricos e de aquisição de L1 e L2”, de autoria de Heloisa Salles e Rozana Naves, sistematizar os fundamentos teóricos da linguística gerativa, a que se acrescenta exposição sucinta a respeito das teorias de aquisição de língua, com a finalidade de prover condições para o entendimento de questões tratadas nos demais capítulos integrantes da obra, em que se assume o conhecimento de certos detalhes do formalismo proposto pelo modelo gerativista, particularmente na versão minimalista. Além desse capítulo introdutório, o presente volume compõe-se de outros cinco capítulos, os quais desenvolvem as propostas resumidas a seguir. Ronice Quadros e Josep Quer, no capítulo intitulado “A caracterização da concordância nas línguas de sinais”, defendem um tratamento estritamente linguístico/sintático do fenômeno da concordância nas línguas de sinais, fazendo um contraponto às abordagens que consideram propriedades associadas à semântica e à modalidade. Os autores examinam um conjunto de verbos no léxico das diferentes línguas de sinais portadores de propriedades morfológicas (marcação manual), que correspondem ao fenômeno da concordância com argumentos, e propõem uma caracterização da concordância, da tipologia verbal e dos predicados chamados de auxiliares nas línguas de sinais, tomando como referência, na apresentação das evidências empíricas, a Língua de Sinais Brasileira (LSB) e a língua de sinais catalã (LSC). De acordo com a análise desenvolvida, os autores concluem que verbos não simples (espaciais + concordância) em geral concordam tanto com argumentos locativos ou com argumentos pessoais, enquanto os verbos reversos são verbos manuais lexicalizados mantendo uma trajetória determinada pela relação espacial de concordância, não pessoal. Apontam, ainda, para os fatos de que (i) os traços de concordância pessoal e locativa são frequentemente indistinguíveis na superfície, (ii) a estrutura argumental de cada predicado impõe certas restrições de licenciamento dos argumentos e (iii) existe uma ambiguidade do locus como locativo ou R-loci (por exemplo, em DIZER com concordância de pessoa vs. DIZER com concordância locativa no argumento ALVO). No capítulo intitulado “Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de Sinais Brasileira”, Brenda Veloso descreve e analisa construções classificadoras da Língua de Sinais Brasileira (LSB), tomando como referência o quadro teórico da Morfologia Distribuída. A autora propõe que os classificadores são marcas de concordância anexadas a raízes de verbos de deslocamento, existência e localização. Veloso constata que (i) nem todas as estruturas comumente portadoras de classificadores em outras línguas de sinais podem apresentar esses elementos na LSB; (ii) a LSB possui, como outras línguas de sinais, classificadores anexados a verbos de deslocamento, mas não a verbos de localização e existência; (iii) as construções classificadoras na LSB possuem um comportamento semelhante às sentenças que possuem marcas de concordância, o que permite analisar tais construções como instâncias de concordância sintática, desencadeada pela raiz verbal, que não possui especificação de traços para Configuração de Mão; (iv) sentenças copulativas e existenciais, que não permitem o uso de classificadores, comportam-se como verbos sem concordância, enquanto sentenças com verbos de deslocamento e com o verbo ESTAR \_LOCALIZADO apresentam as mesmas características que verbos de concordância. Com base nessas constatações, a autora propõe que a LSB apresenta dois sistemas de concordância: um que se utiliza da atribuição de locus a pontos no espaço de sinalização e outro que combina configurações de mãos classificadoras às raízes verbais. As conclusões corroboram os resultados de estudos prévios que dividem os verbos da LSB em dois tipos: com ou sem concordância. Jéssica Arrotéia-Kano, no texto intitulado “Uma análise sintática para sentenças negativas em LSB”, analisa a coocorrência de itens negativos manuais e não manuais na Língua de Sinais Brasileira, buscando apresentar uma explicação sintática para sentenças negativas nessa língua. O trabalho apresenta construções com diferentes tipos de marcadores não manuais (e suas respectivas funções) e construções com dois tipos de concordância negativa, e discute fatos como (i) a não negatividade do item nada; (ii) o caráter fraco de não; (iii) o caráter forte Estudos gerativos de Língua de Sinais Brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos 17 da negação facial; (iv) a interação entre itens do componente manual e do componente não manual; e (v) a existência de um traço lexical negativo sem caráter negativo sintático. A análise que a autora desenvolve mostra que a coocorrência de itens negativos em LSB resulta em concordância negativa (mais especificamente, concordância negativa estrita), e que o licenciador dessa concordância é um marcador não manual, a negação facial. Mostra também que pode existir uma restrição morfofonológica entre itens manuais negativos na LSB, que impede a formação de uma sentença em que coocorram duas palavras fonologicamente vizinhas. No capítulo “Composicionalidade semântica em LSB: fronteiras e encaixes”, Cristina Siaines Castro e Miriam Lemle investigam a manifestação fonológica (víscuo-gestual) das fronteiras e dos limites sintático-morfológicos em LSB, pressupondo que a existência dessas fronteiras e desses limites nessa língua é mais uma das manifestações possíveis da Gramática Universal. Para alcançar esse objetivo, as autoras examinam proposições (orações) – identificando-as como “principais”, “subordinadas”, “coordenadas” e “absolutas” –, bem como o que chamam “composições não proposicionais” – buscando identificar as unidades que a teoria da Morfologia Distribuída denomina de camada saussureana (um composto de raiz e categorizador). Com dados baseados na análise dos fatos de LSB, tanto em relação à construção textual como em relação à construção morfológica, as autoras confirmam algumas conclusões de caráter mais geral: as de que a modalidade gestual-visual (i) apresenta a propriedade da recursividade, (ii) possui estruturas hierarquizadas e

(iii) apresenta claras marcas articulatórias de encaixes de sentença. Os resultados da pesquisa mostram que os limites são marcados por meio da expressão facial, da posição e do movimento do corpo, do ritmo, da pausa e de gestos, e que essas expressões não manuais marcam limites de diversas maneiras: (i) pela superposição de significados seguida da eliminação de um deles; (ii) por distinções sucessivas em seus significados; (iii) por movimento de cabeça delimitando proposições intercaladas; (iv) pela inclinação alternada do corpo marcando alternância semântica; (v) pela presença da pausa indicando coordenação, em alguns casos, e em outros marcando oposição semântica; e (vi) pela mudança de ritmo entre duas proposições. Castro e Lemle apontam para o fato de que a unidade proposição está na base da maioria dos processos de composição observados, possibilitando distinguir sinais complexos proposicionais e não proposicionais, para os quais a distinção entre morfemas lexicais e morfemas funcionais se mostrou relevante. As autoras reconhecem, ainda, que o estudo da composicionalidade semântica contribui para a compreensão da natureza da iconicidade nas línguas de sinais. O trabalho de Aline Mesquita & Heloisa Salles ("Preposições na Língua Brasileira de Sinais e na interlíngua de surdos aprendizes de português L2") examina o uso de preposições na interlíngua de surdos aprendizes de português como segunda língua (L2), que têm a Língua Brasileira de Sinais (LSB) como primeira língua (L1). As autoras adotam as hipóteses, formuladas no âmbito da tradição gerativista, de que (i) a aquisição de L1, L2 (e da escrita) é determinada pela Gramática Universal (GU); (ii) embora a GU esteja presente na aquisição de L2, o aprendiz tem como ponto de partida a L1, e o acesso à GU é parcial, havendo interferência da L1 no desenvolvimento da L2; e (iii) a GU também determina e prevê a modalidade escrita. Partindo da distinção entre preposições lexicais e gramaticais, as autoras investigam a existência da categoria preposicional em LSB, examinando, em especial, o sinal COM/JUNTO e o estatuto do movimento direcional, como correlato de construções introduzidas por preposição em português (e outras línguas orais). Nos dados da interlíngua, Mesquita & Salles constatam que as preposições mais usadas são as lexicais, que apresentam conteúdo semântico e ocorrem em contexto sintático de adjunção, sendo as preposições gramaticais usadas particularmente nos contextos que correspondem a verbos com concordância em LSB. Os resultados levam as autoras a concluir que a categoria preposicional está representada em LSB e que essa representação interfere na aquisição de preposições do português, não só em relação às preposições lexicais, mas também em relação às preposições gramaticais. Confirma-se ainda que o movimento direcional em LSB é um correlato de estruturas preposicionadas em línguas como o português, o que sugere que essa categoria compartilha os traços formais associados à preposição. Ao reunir os estudos que integram esta obra, desejamos contribuir para o desenvolvimento e a divulgação do pensamento científico a respeito da Língua de Sinais Brasileira, e das questões relativas ao bilinguismo dos surdos, que remetem crucialmente à aquisição e ao uso da língua de sinais e da língua majoritária, no caso o português (escrito), respectivamente como primeira e segunda língua. Desejamos também reiterar nosso entendimento de que a sociedade tem muito a se beneficiar com a produção científica no âmbito da Linguística, na investigação não só das questões que envolvem a situação linguística e social dos surdos, mas também no que diz respeito às demandas da população como um todo, diante da importância da linguagem e das línguas para o ser humano e para a organização social e política da sociedade. Brasília, dezembro de 2009 Heloisa Maria Moreira Lima-Salles Rozana Reigota Naves